

ORIBEL

CULTURA & INFORMAÇÃO

Jun / Jul

20
26

Edição Especial Junina



CARTA AO *Leitor*



Suellen Cicotti
Históriadora, Jornalista,
Escritora e Filantropa.
Fundadora da Oribel
ONG.

Caro leitor,

É com grande satisfação que lhe apresentamos a nossa revista gratuita **ORIBEL Cultura e Informação**, um espaço dedicado à cultura, arte, curiosidades, informação e atualidades. Nosso objetivo é estimular a leitura tornando o conhecimento acessível a todos. Acreditamos ser um direito de todos, e é com essa visão que trazemos conteúdos variados e interessantes para você.

Queremos inspirar você a explorar novos horizontes culturais e a apreciar as diferentes manifestações artísticas que enriquecem nossa vida.

Aqui, você encontrará fatos intrigantes, histórias surpreendentes e informações úteis para o seu dia a dia. Queremos despertar a sua curiosidade e incentivá-lo a aprender sempre mais.

Acompanhar as notícias nem sempre é fácil, especialmente quando os termos técnicos e políticos parecem complicados.

Por isso, nossa revista traduz as notícias da atualidade para uma linguagem mais simples, para que todos possam entender e se manter informados.

Nossa equipe trabalha com dedicação para trazer conteúdo relevante e confiável.

Gostaríamos de ser uma fonte de informação que você possa consultar com tranquilidade, sabendo que estamos comprometidos com a qualidade e a veracidade dos fatos.

Queremos que você se apaixone pelas palavras e descubra o prazer de ler.

Agradecemos por nos acompanhar e esperamos que nossa revista seja uma companhia agradável em seus momentos de leitura. Se tiver sugestões, críticas ou histórias para compartilhar, não hesite em nos escrever. Estamos aqui para você!

Com carinho,

Suellen Cicotti

EDITORIAL



Associação Oribel
Fundada em 2023
Editora : Suellen Cicotti
CNPJ :52.153.951/0001-02



Diretora de Redação :
Suellen Cicotti **Editores**
Diego Anástacio e Camila
Guerrera. **Designers:** Otto
Carvalho.

Colaboração: Suellen
Cicotti (texto), Rafael
Amadeu (texto) Diego
Anastacio (texto)
Rodrigo Trajano ,Marcos
Vargas(texto)

Redação e correspondência:
Rua Prof Ciridiao Buarque
75,Bloco 1 sl 73A
Vila Anglo Brasileira
São Paulo-SP
05028-000

Contato e informações :
contato@oribel.org.br
(21) 9 7286-0452

SUMÁRIO

Uma pesquisa construída a muitas mãos 04

**História das quadrilhas juninas no
Rio de Janeiro 06**

Da tradição ao espetáculo 10

Identidade das Quadrilhas fluminenses 13

Por trás do espetáculo 15

Resistência na Cultura junina 19

Muito além da influência nordestina 22

Diversidade na dança 25

Quando o figurino também conta uma história 30

Quando a cultura resiste 32

Realização:

Oribel
Viabilizando a Cultura

Oribel
Rio

Uma Pesquisa

CONSTRUIDA A MUITAS MÃOS

Toda pesquisa séria começa com alguém disposto a preservar a memória. No caso desta edição especial sobre as quadrilhas juninas do Rio de Janeiro, essa caminhada ganhou um importante aliado: o pesquisador Milton Luiz, cuja dedicação à cultura junina fluminense permitiu aprofundar temas que, muitas vezes, permanecem invisíveis ao grande público.

Ao iniciar esta reportagem, percebi que falar sobre quadrilhas exigia muito mais do que descrever figurinos, concursos ou apresentações.

Era necessário compreender sua origem, suas transformações, seus desafios e, principalmente, as pessoas que dedicaram suas vidas à preservação dessa manifestação cultural. Foi por meio das pesquisas, entrevistas e do vasto acervo reunido por Milton Luiz que foi possível reconstruir parte dessa trajetória e compreender a dimensão histórica do movimento junino no estado do Rio de Janeiro.

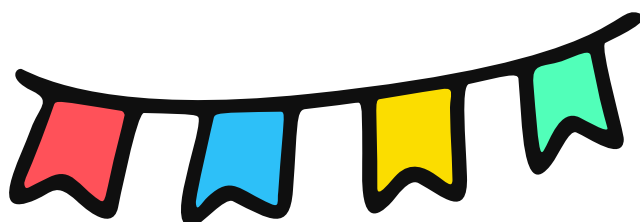
Mestre em Patrimônio, Cultura e Sociedade pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Milton Luiz é pesquisador, documentarista e um dos principais estudiosos da cultura junina fluminense. Sua relação com as quadrilhas, entretanto, começou muito antes da vida acadêmica.



Brincante desde 1990, em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, ele acompanhou de perto as transformações do movimento, vivenciando a cultura popular não apenas como pesquisador, mas como participante ativo dessa história.

Em 2005, durante sua formação em Design, iniciou uma investigação sobre o universo das quadrilhas juninas, desenvolvendo projetos voltados à preservação da memória desse patrimônio cultural.

Esse trabalho deu origem a um projeto piloto de livro sobre as memórias do movimento junino fluminense e, posteriormente, ao Projeto Rio Quadrilheiro, criado em 2015, iniciativa pioneira dedicada à restauração e digitalização de fitas VHS contendo registros históricos de quadrilhas e festas juninas do estado do Rio de Janeiro.





Sua atuação também inclui a curadoria de exposições, documentários e ações voltadas à preservação do patrimônio cultural imaterial, além da criação do projeto Cultura Junina do Rio de Janeiro, em 2018, hoje reconhecido como uma importante referência na pesquisa, documentação e difusão das tradições juninas fluminenses.

Mais do que reunir documentos, fotografias e registros audiovisuais, o trabalho de Milton Luiz contribui para que histórias, personagens e grupos que ajudaram a construir o movimento junino não sejam esquecidos pelo tempo.

Sua pesquisa revela que preservar a cultura popular significa também preservar a memória das comunidades, dos artistas e das gerações que fizeram das quadrilhas um dos maiores símbolos da identidade cultural brasileira.

Grande parte das informações apresentadas nesta reportagem foi construída a partir desse diálogo e da generosa colaboração do pesquisador. Graças ao seu trabalho de documentação e salvaguarda, foi possível compreender que as quadrilhas juninas do Rio de Janeiro possuem uma trajetória própria, rica em personagens, transformações e histórias que merecem ser conhecidas, valorizadas e transmitidas às futuras gerações.

Esta edição é, portanto, também um reconhecimento à importância da pesquisa acadêmica e da preservação da memória como instrumentos fundamentais para manter vivo um patrimônio cultural que continua encantando, emocionando e unindo comunidades em todo o estado do Rio de Janeiro.

História das quadrilhas juninas no Rio de Janeiro

Antes de falar das quadrilhas juninas do Rio de Janeiro, é preciso desfazer uma ideia bastante comum: a de que toda quadrilha brasileira nasceu no Nordeste.

Embora os estados nordestinos tenham construído um dos movimentos juninos mais fortes e reconhecidos do país, a história revela que a manifestação possui raízes muito mais amplas e que o Rio de Janeiro desenvolveu uma tradição própria, marcada por características, estilos e trajetórias singulares.

A história da quadrilha começa muito antes de chegar ao Brasil. Sua origem está na quadrille, uma dança de salão praticada pela aristocracia francesa entre os séculos XVIII e XIX.

Organizada em formações geométricas e conduzida por um mestre de cerimônias, a dança rapidamente se espalhou pelas cortes europeias.

Com a chegada da família real portuguesa ao Brasil, em 1808, esse costume passou a integrar bailes e celebrações da elite brasileira.

Durante o século XIX, a quadrilha deixou os salões da nobreza e começou a ser apropriada pela população. Aos poucos, incorporou elementos da cultura popular, misturando influências europeias com costumes rurais brasileiros.

Os comandos em francês, como *en avant tous* e *en arrière*, foram sendo adaptados pela oralidade popular até se transformarem em expressões conhecidas como "anarriê" e "alavantú", preservadas até hoje nas festas juninas.



Fonte: As ilustrações de Robert Cruikshank, por volta de 1810, mostram casais dançando quadrilha na cidade de Dublin — Foto: Biblioteca Pública de Nova York/Coleção Digital.



Grupo do Amor - A Quadrilha do Social Ramos Clube - 1951 - Acervo Pessoal - Edson Limma.

É importante compreender que a dança da quadrilha e a festa junina não nasceram juntas.

As festas dedicadas a Santo Antônio, São João e São Pedro têm origem nas tradições religiosas portuguesas e cristãs, marcadas por fogueiras, procissões, balões, comidas típicas e celebrações comunitárias. Já a quadrilha era originalmente uma dança social, que somente com o passar do tempo passou a integrar essas festividades, tornando-se um de seus principais símbolos.

No Rio de Janeiro, essa história ganhou contornos próprios. Muito antes da criação dos grandes festivais competitivos que hoje movimentam milhares de artistas, já existiam registros de apresentações de casamentos caipira ou quadrilhas da roça em clubes sociais, associações recreativas e festas filantrópicas. Fotografias e documentos históricos apontam que, ainda nas décadas de 1940 e 1950, grupos organizados realizavam apresentações em diversos clubes.

“

Um dos registros citados pelo pesquisador Milton Luiz faz referência ao Social Ramos Clube, em 1951, evidenciando que a tradição já estava consolidada muito antes da expansão dos concursos modernos.

Nas décadas seguintes, especialmente entre os anos 1950 e 1960, clubes esportivos, associações de moradores, igrejas e centros comunitários passaram a promover concursos juninos que mobilizavam bairros inteiros. Participar de uma quadrilha significava muito mais do que dançar: era representar a comunidade, fortalecer vínculos sociais e preservar tradições locais.



Crianças participam de festa junina no Instituto de Educação Rio de Janeiro 1940 Arquivo Nacional. Fundo Agência Nacional BR

Muitos grupos eram formados por famílias inteiras, que confeccionavam figurinos, organizavam festas e ensaiavam durante meses.

Ao contrário da ideia de que o Rio apenas reproduziu um modelo vindo de outras regiões, as quadrilhas fluminenses desenvolveram características próprias.

A figura do marcador é elemento central da apresentação e os noivos ganharam destaque por conta do casamento caipira; os concursos passaram a valorizar a precisão coreográfica, a criatividade dos figurinos e a organização coletiva dos grupos. Cada bairro construía sua identidade artística, criando estilos que eram reconhecidos pelo público e pelos jurados.

Nas décadas de 1980 e 1990, esse movimento cresceu ainda mais. Novas quadrilhas surgiram principalmente na Baixada Fluminense, na Zona Norte e em diversos municípios do interior do estado.

A competição estimulou a inovação artística, sem romper completamente com os elementos tradicionais. Foi nesse período que grupos começaram a investir em figurinos mais elaborados, cenários e apresentações cuidadosamente planejadas.

A partir dos anos 2000, o luxo passou a ganhar contorno dentro das indumentárias, as quadrilhas do Rio viveram uma profunda transformação estética. Sem abandonar suas raízes, passaram a incorporar elementos do teatro, da dança contemporânea, da cenografia e da narrativa cênica.

As apresentações deixaram de ser apenas uma sequência de passos tradicionais para contar histórias completas, com personagens, temas sociais, referências ao folclore brasileiro e grandes produções visuais muito luxuosas.

Esse processo aproximou as quadrilhas de verdadeiros espetáculos de artes cênicas, sem apagar sua essência popular.



arquivo-nacional-festas-juninas-rio-de-janeiro

Essa evolução, entretanto, não significa que o Rio tenha perdido sua identidade ou simplesmente seguido modelos de outras regiões. Pelo contrário, a troca de experiências entre estados fortaleceu um movimento nacional, no qual cada território preserva suas particularidades.

“As quadrilhas nordestinas, amazônicas, sulistas e fluminenses dialogam entre si, mas cada uma expressa a cultura, a história e a realidade social de seu povo.”

Hoje, o estado do Rio de Janeiro se mantém com movimentos juninos expressivos no país. Segundo levantamento realizado pelo pesquisador Milton Luiz, cerca de 150 quadrilhas estavam em atividade em 2025, divididas entre quadrilhas católicas e de bairros. Esse número revela a resistência de uma manifestação que continua mobilizando milhares de artistas, costureiras, músicos, coreógrafos, produtores e comunidades inteiras.

EDIÇÃO JUNHO E JULHO 2026

Mais do que um espetáculo de junho, as quadrilhas juninas representam um patrimônio cultural vivo. Elas preservam memórias, fortalecem identidades locais, promovem encontros entre gerações e demonstram que a cultura popular brasileira não é estática.

Ela se transforma, dialoga com o presente e continua sendo construída por pessoas que fazem da dança uma forma de celebrar sua história.

No Rio de Janeiro, essa história possui voz própria, trajetória própria e um legado que merece ser conhecido, valorizado e preservado.



Da tradição ao ESPETÁCULO



Se a história explica de onde vieram as quadrilhas juninas, sua evolução revela como essa manifestação cultural soube acompanhar as transformações da sociedade sem abrir mão de sua essência.

Ao longo das últimas décadas, as quadrilhas deixaram de ser apenas uma dança executada nos arraiais para se tornarem verdadeiros espetáculos de arte, reunindo teatro, música, cenografia, figurino, iluminação e grandes produções cênicas.

Nas décadas de 80 e 90 os concursos juninos, predominava o chamado estilo tradicional ou "quadrilha de salão".

A valorização estava concentrada na elegância dos casais, na execução correta dos comandos do marcador e na beleza dos figurinos. Vestidos rodados, tecidos de veludo, rendas, fitas e saias volumosas marcavam a identidade visual da época.

Em muitos grupos, uma única saia podia alcançar vários metros de circunferência, demonstrando o cuidado artesanal e a dedicação das costureiras.

Já as apresentações de quadrilhas de roça seguiam um roteiro relativamente fixo. O casamento caipira, os passos tradicionais, os comandos em francês adaptados ao português popular e a representação do ambiente rural eram os principais elementos da encenação. O objetivo era preservar uma tradição transmitida entre gerações, em que a simplicidade e a coletividade ocupavam lugar de destaque.

A partir da década de 1980, algumas quadrilhas começaram a experimentar novas linguagens. Sem abandonar os elementos tradicionais, passaram a investir em figurinos mais sofisticados, coreografias elaboradas e apresentações visualmente impactantes. O crescimento dos concursos estimulou uma busca constante por inovação, fazendo com que cada grupo procurasse apresentar algo diferente do ano anterior.

Essa transformação ganhou força nos anos 2000. Segundo o pesquisador Milton Luiz, a troca de experiências entre grupos de diferentes estados e a aproximação com profissionais das artes cênicas contribuíram para uma verdadeira revolução estética.



Quadrilha_Show_de_Ramos.1985 - Acervo Shirley Santos.

Coreógrafos, cenógrafos, figurinistas, iluminadores e diretores se destacavam nas equipes das quadrilhas, elevando o nível técnico das apresentações. A quadrilha Junina é uma porta inicial para muitos artistas, tudo se inicia nas comunidades.

Em 2005 surgiram espetáculos inspirados em elementos da simbologia junina, por influência de do “Quadrilheiro pernambucano” Adjelson Soares conhecido como “ALEGRIA”, vindo do ballet popular e agregando muito a cultura popular do Rio.

Os figurinos também já não mais traziam o estereótipo caipira e eram caracterizados por bordados e tecidos nobres. As roupas deixaram de representar apenas o estereótipo do caipira para incorporar elementos temáticos, bordados elaborados, pedrarias, tecidos especiais e técnicas de alta costura.

Em muitos casos, cada personagem recebe um figurino exclusivo, pensado para dialogar como tema apresentado pelo grupo.

Outro elemento que ganhou protagonismo foi a cenografia. Portais, estruturas móveis, adereços gigantes e efeitos visuais passaram a integrar as apresentações, aproximando as quadrilhas de grandes produções teatrais. A iluminação cênica, antes inexistente em muitos concursos, tornou-se uma importante ferramenta para criar atmosferas e destacar momentos específicos das coreografias.

Apesar dessa evolução, as quadrilhas continuam preservando elementos que atravessam gerações. O marcador permanece conduzindo a dança, os casais continuam representando a coletividade, o casamento caipira ainda emociona o público e a música segue sendo o coração da apresentação. A inovação não substituiu a tradição; ela passou a dialogar com ela.

EDIÇÃO JUNHO E JULHO 2026



Essa capacidade de se reinventar explica por que as quadrilhas continuam vivas. Elas preservam a memória do passado, mas também refletem o presente, mostrando que a cultura popular é dinâmica, criativa e está em constante transformação. É justamente esse equilíbrio entre tradição e inovação que faz das quadrilhas juninas uma das mais ricas expressões culturais do Brasil.

As quadrilhas juninas são verdadeiras escolas de formação humana, artística e profissional. Delas surgiram grandes carnavalescos, figurinistas, cenógrafos, coreógrafos, produtores culturais, diretores de espetáculos e artistas que hoje ocupam lugar de destaque no cenário cultural brasileiro. Foi nas quadras, nas ruas e nos ensaios comunitários que muitos aprenderam a costurar, desenhar, construir cenários, criar figurinos, produzir eventos, liderar equipes e transformar a criatividade em profissão.

Mas o maior legado das quadrilhas não está apenas na formação de grandes profissionais.

Está na capacidade de mudar destinos.

Em comunidades onde o acesso à cultura é escasso, elas oferecem pertencimento, disciplina, autoestima e perspectiva de futuro.

A cultura acolhe, educa, protege e cria oportunidades. Cada ensaio afasta um jovem da vulnerabilidade, fortalece vínculos familiares e comunitários e reafirma que a arte é uma poderosa ferramenta de transformação social. Investir nas quadrilhas juninas é investir na preservação do patrimônio cultural brasileiro, na economia criativa e, acima de tudo, nas pessoas que encontram na cultura um caminho para sonhar, crescer e construir um futuro mais digno.



A IDENTIDADE DAS

QUADRILHAS FLUMINENSES

Quando se fala em quadrilhas juninas, é comum imaginar que todas seguem um mesmo modelo de apresentação. No entanto, basta conhecer os festivais realizados pelo Brasil para perceber que cada estado desenvolveu características próprias, moldadas por sua história, suas comunidades e suas referências culturais. Assim como o samba possui diferentes estilos em cada região do país, as quadrilhas também carregam identidades distintas.

O Rio de Janeiro é um exemplo dessa diversidade. Ao longo de décadas, as quadrilhas fluminenses construíram uma linguagem artística própria, resultado da combinação entre tradição, criatividade e forte organização comunitária.

Essa identidade não surgiu de forma repentina, mas foi sendo construída por gerações que transformaram os arraiais em espaços de convivência e expressão cultural.

Uma das principais características das quadrilhas do Rio é a valorização da interpretação cênica.

O marcador, responsável por conduzir os passos e orientar os casais, assume um papel semelhante ao de um mestre de cerimônias e temos também o narrador que com o marcador coordena a quadrilha.

Mais do que anunciar comandos como "Anarriê" ou "Alavantú", eles conduzem a narrativa da apresentação, interage com o público e imprime personalidade ao espetáculo. Em algumas quadrilhas o narrador assume esse papel e o marcador tem um papel figurativo.

Outro aspecto marcante é a diversidade estética. Enquanto algumas quadrilhas preservam uma proposta mais tradicional, outras investem em grandes produções, utilizando cenários, iluminação, efeitos especiais e figurinos sofisticados. Essa pluralidade demonstra que tradição e inovação podem coexistir, respeitando as raízes da manifestação sem impedir sua evolução.

Na Baixada Fluminense, por exemplo, muitos grupos nasceram dentro das próprias comunidades. Ensaios em ruas, quadras esportivas, escolas e centros comunitários fizeram parte da rotina de milhares de jovens que encontraram na quadrilha um espaço de convivência, aprendizado e pertencimento. Em diversos bairros, participar da quadrilha tornou-se uma tradição familiar, passada de pais para filhos.

EDIÇÃO JUNHO E JULHO 2026



Ao longo dos anos, grupos incorporaram elementos do teatro, da dança contemporânea, do carnaval, das artes visuais e da música popular brasileira, criando apresentações que emocionam pela riqueza estética e pela qualidade técnica.

As influências entre os estados brasileiros também contribuíram para esse processo.

A troca de experiências entre grupos do Rio, do Nordeste, da Região Norte e do Centro-Oeste fortaleceu o movimento junino nacional. No entanto, essa circulação de ideias nunca significou a perda da identidade local.

Cada estado adaptou referências externas às suas próprias tradições, produzindo manifestações culturais únicas.

Segundo o pesquisador Milton Luiz, essa diversidade demonstra que não existe um único modelo de quadrilha brasileira. O que existe é um grande patrimônio cultural formado por diferentes maneiras de celebrar as festas juninas, todas igualmente legítimas e importantes para a construção da identidade nacional.

No Rio de Janeiro, essa identidade também se expressa na organização dos grupos. Muitas quadrilhas funcionam durante todo o ano, promovendo oficinas, ações sociais, ensaios, eventos comunitários e atividades culturais que vão muito além do período junino. Dessa forma, tornam-se espaços permanentes de formação artística e fortalecimento dos vínculos comunitários.

As quadrilhas fluminenses também revelam a força da economia criativa. Cada temporada movimenta costureiras, bordadeiras, músicos, coreógrafos, cenógrafos, iluminadores, maquiadores, artesãos, fotógrafos, videomakers e produtores culturais.

A preparação para uma única apresentação pode envolver meses de trabalho coletivo e dezenas de profissionais especializados.



Mellissa Morelli Rainha da Quadrilha Junina Fervo SHOW

Essa capacidade de reunir tradição, inovação, geração de renda e participação comunitária faz das quadrilhas do Rio de Janeiro um importante patrimônio cultural. Mais do que preservar costumes antigos, elas continuam produzindo novas histórias, formando artistas e mantendo viva uma das manifestações mais representativas da cultura popular brasileira.

Reconhecer essa identidade é compreender que as quadrilhas fluminenses não ocupam um papel secundário na história das festas juninas. Elas possuem trajetória própria, linguagem artística consolidada e uma contribuição significativa para a diversidade cultural do Brasil. Valorizar essa história é fortalecer a memória de milhares de pessoas que, ano após ano, dedicam seu talento e sua paixão para manter viva uma tradição que continua encantando gerações.

POR TRÁS DO Espetáculo

Nos bastidores de uma quadrilha junina quando as luzes se acendem, a música começa e os primeiros casais entram na arena, o público enxerga apenas o resultado final. Vestidos brilhantes, coreografias sincronizadas, cenários grandiosos e apresentações que duram poucos minutos encantam milhares de espectadores. O que muitos não imaginam é que, por trás de cada espetáculo, existe um trabalho que começa meses antes e mobiliza dezenas de profissionais, voluntários e famílias inteiras.

Uma quadrilha junina é muito mais do que um grupo de dança. Ela funciona como uma verdadeira companhia artística, reunindo pessoas de diferentes áreas para transformar uma ideia em um espetáculo capaz de emocionar o público. Durante boa parte do ano, galpões, quadras esportivas, centros comunitários e sedes de associações tornam-se espaços de criação, onde cada detalhe é planejado com cuidado.



Tudo começa com a escolha do tema. Em muitas quadrilhas, essa decisão acontece ainda no segundo semestre do ano anterior. Diretores, coreógrafos e equipes criativas se reúnem para definir qual história será contada na temporada seguinte. O tema pode abordar personagens históricos, manifestações populares, lendas brasileiras, questões sociais, religiosidade ou homenagens a artistas e regiões do país.

A partir dessa escolha, inicia-se um longo processo de pesquisa para construir uma narrativa coerente e visualmente impactante.

Com o tema definido, entram em cena os responsáveis pela criação artística. Coreógrafos elaboram cada movimento da apresentação, buscando unir técnica, emoção e identidade cultural. O marcador, figura central da quadrilha, participa da construção do roteiro, definindo a ordem dos comandos tradicionais e a maneira como a história será conduzida durante a apresentação. Cada entrada, formação e deslocamento é ensaiado repetidas vezes até alcançar precisão e harmonia.



Membros da Quadrilha Junina Fervo Show



quadrilhafervoshow

EDIÇÃO JUNHO E JULHO 2026

Enquanto isso, costureiras, bordadeiras e figurinistas iniciam outro trabalho igualmente importante. Muito antes dos vestidos chegarem à arena, eles passam por meses de criação, modelagem, corte, costura e aplicação manual de rendas, fitas, bordados e pedrarias.

Em muitas quadrilhas, dezenas de figurinos são confeccionados simultaneamente, exigindo centenas de horas de trabalho artesanal.

Cada personagem possui características específicas, e as roupas precisam dialogar com o tema apresentado.

A cenografia é outro elemento que exige planejamento detalhado. Cenógrafos e artesãos desenvolvem estruturas que ajudam a contar a história apresentada pela quadrilha. Portais, painéis, esculturas, elementos móveis e objetos cênicos são construídos manualmente, muitas vezes utilizando madeira, ferro, tecidos, isopor, fibra, pintura artística e materiais recicláveis. Além do aspecto visual, é preciso garantir que todas as estruturas possam ser transportadas e montadas rapidamente durante os concursos.

A música também ocupa papel fundamental. Músicos, produtores musicais e técnicos trabalham na seleção do repertório, na gravação de trilhas, na edição de efeitos sonoros e na criação da identidade musical da apresentação. Cada mudança de cena, entrada de personagem ou momento de destaque é cuidadosamente sincronizado com a coreografia, reforçando a emoção do espetáculo.



Integrantes da Quadrilha Junina Fervo Show

Outro setor indispensável é a produção. São os produtores que organizam cronogramas, administram recursos financeiros, coordenam equipes, providenciam transporte, alimentação, documentação, inscrições em concursos e toda a logística necessária para que a apresentação aconteça. Muitas vezes, esse trabalho é realizado por voluntários que conciliam suas profissões com a dedicação à cultura popular.

Nos bastidores, há ainda maquiadores, cabeleireiros, fotógrafos, videomakers, iluminadores, sonoplastas, aderecistas, sapateiros, motoristas e equipes de apoio. Cada profissional desempenha uma função essencial para que tudo funcione perfeitamente nos poucos minutos de apresentação. Mas talvez o maior patrimônio de uma quadrilha sejam as pessoas que dedicam seu tempo por amor à tradição.

Pais ajudam a transportar cenários, mães costuram figurinos durante a madrugada,

familiares organizam rifas para arrecadar recursos, amigos colaboram na montagem dos ensaios e antigos integrantes retornam todos os anos para apoiar o grupo.

A quadrilha se transforma, assim, em uma grande família, onde cada pessoa encontra uma forma de contribuir.

Os ensaios também fazem parte dessa rotina intensa.

Em muitos grupos, eles acontecem de duas a quatro vezes por semana e se tornam diários à medida que os concursos se aproximam. Horas de repetição são necessárias para sincronizar passos, corrigir posicionamentos e aperfeiçoar cada detalhe da apresentação. A disciplina é uma marca das quadrilhas competitivas, onde o sucesso depende do comprometimento coletivo.

Outro aspecto pouco conhecido é o impacto social desse trabalho. Para muitos jovens, a quadrilha representa muito mais do que uma atividade artística.

EDIÇÃO JUNHO E JULHO 2026

Ela oferece um espaço de convivência, fortalece vínculos comunitários, estimula o trabalho em equipe e afasta crianças e adolescentes de situações de vulnerabilidade social. Nos ensaios, aprendem-se valores como respeito, responsabilidade, cooperação e compromisso, que muitas vezes acompanham os participantes por toda a vida.

Apesar de toda essa estrutura, a maioria das quadrilhas enfrenta grandes dificuldades financeiras. Grande parte dos profissionais atua de forma voluntária ou recebe remuneração muito inferior ao trabalho realizado. Feijoadas, bingos, festas beneficentes, campanhas de arrecadação e doações tornam-se fundamentais para manter o grupo em atividade. Em muitos casos, os próprios integrantes contribuem financeiramente para que o espetáculo aconteça.

Quando finalmente chega o dia da apresentação, o público vê apenas alguns minutos de dança. No entanto, cada passo executado na arena carrega meses de dedicação, criatividade e esforço coletivo. Por trás do brilho dos figurinos e da emoção das coreografias existe uma rede de pessoas que transforma a cultura popular em um verdadeiro exercício de resistência, pertencimento e amor pela tradição.

É justamente esse trabalho silencioso, realizado longe dos holofotes, que mantém vivas as quadrilhas juninas.

Valorizar os bastidores é reconhecer que cada apresentação é fruto de um patrimônio humano construído por artistas, famílias e comunidades que fazem da cultura popular uma missão compartilhada. Sem eles, não haveria espetáculo; haveria apenas a lembrança de uma tradição que o tempo poderia apagar.



Uilames Lino Presidente da Quadrilha Junina Fervo Show localizada em Austin-Nova Iguaçu-RJ



Tema da Quadrilha Junina Fervo Show



EDIÇÃO JUNHO E JULHO 2026



Resistência

NA CULTURA JUNINA



Eduardo Madeiro mostra como a cultura junina fortalece identidades, combate preconceitos e preserva memórias.

Conhecer a história das quadrilhas juninas do Rio de Janeiro também significa conhecer os pesquisadores que dedicam suas vidas à preservação dessa memória. Entre eles está Eduardo Madeiro, professor, pesquisador e agente cultural, cujo trabalho vem ampliando o entendimento sobre o papel das quadrilhas como patrimônio cultural, espaço de resistência e instrumento de transformação social.

Doutorando em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e mestre em Patrimônio, Cultura e Sociedade pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Eduardo reúne uma formação multidisciplinar que inclui Moda e Figurino, Artes Visuais, História, Sociologia, Pedagogia e especialização em Ensino de Artes Visuais.

Essa trajetória acadêmica dialoga diretamente com sua atuação como pesquisador da cultura popular, especialmente das quadrilhas juninas da Baixada Fluminense.

Sua produção científica investiga temas como patrimônio cultural, memória social, identidade, gênero, sexualidade, cultura popular e educação antirracista. Integrante dos grupos de pesquisa Bibliotecas, Memória e Resistência, AFRODIÁSPORAS e LEGESEX, Eduardo compreende a pesquisa como uma ferramenta de preservação da memória e de enfrentamento às desigualdades, aproximando universidade, comunidades e manifestações culturais.





Curiosamente, seu envolvimento com o universo junino nasceu de maneira inesperada. Durante uma pesquisa sobre figurinos, conheceu uma quadrilha junina e percebeu que aquele espaço era muito diferente da imagem caricata que carregava desde a infância.

Em vez da representação do "caipira" estereotipado, encontrou um ambiente ocupado por artistas, figurinistas, coreógrafos, pessoas negras, mulheres trans, homens gays, lésbicas e diversos outros sujeitos que faziam da quadrilha um lugar de criação artística e pertencimento. Aquela experiência transformou sua percepção e deu origem a uma linha de pesquisa que permanece até hoje.

Ao longo de suas pesquisas, Eduardo demonstra que as quadrilhas juninas vão muito além da dança apresentada nas arenas. Elas funcionam como espaços de acolhimento, construção de identidade, fortalecimento da autoestima e protagonismo cultural.

Muitos brincantes encontram nesse movimento um ambiente onde podem expressar sua criatividade e sua identidade de maneira livre, algo que nem sempre acontece em outros segmentos culturais.

Para ele, o figurino, por exemplo, não é uma fantasia descartável, mas uma obra artística construída coletivamente e carregada de significado. Essa perspectiva aparece também em sua produção acadêmica.

No artigo "Ressignificando e Dançando: a quadrilha junina como ferramenta de reconhecimento e valorização da cultura negra no combate do racismo no ambiente escolar", publicado na Revista Húmus em 2025, Eduardo defende que a quadrilha pode ser utilizada como instrumento pedagógico para discutir racismo, memória, ancestralidade, identidade e valorização da cultura afro-brasileira, contribuindo para a implementação da Lei 11.645/2008.

O estudo mostra como diversos grupos passaram a incorporar narrativas sobre a história da população negra, religiões de matriz africana, resistência quilombola e protagonismo de personalidades negras em seus temas, transformando a arena junina em um espaço de educação, reflexão e combate ao racismo.

Outro aspecto presente em suas pesquisas é a compreensão das quadrilhas como espaços de inclusão social.

Eduardo observa que muitos grupos são compostos majoritariamente por pessoas negras, moradores das periferias e integrantes da comunidade LGBTQIA+, que encontram na cultura junina oportunidades de reconhecimento, expressão artística e construção coletiva de pertencimento.

Em vez de reproduzir exclusões históricas, esses grupos têm ressignificado tradições, incorporando debates sobre diversidade, respeito às diferenças e direitos humanos em seus espetáculos.

Seu trabalho demonstra que preservar a cultura junina não significa apenas registrar coreografias ou catalogar grupos. Significa compreender que cada quadrilha guarda histórias de vida, memórias comunitárias, processos de resistência e formas de afirmação cultural que atravessam gerações. Ao aproximar pesquisa acadêmica, patrimônio cultural e compromisso social,

Eduardo Madeiro contribui para que as quadrilhas juninas sejam reconhecidas não apenas como espetáculos folclóricos, mas como patrimônios vivos capazes de promover inclusão, fortalecer identidades e ampliar o debate sobre diversidade, memória e justiça social.



Muito além da influência nordestina

O RIO DE JANEIRO CRIOU SEU
PRÓPRIO JEITO DE DANÇAR
SÃO JOÃO

No Rio de Janeiro, as quadrilhas construíram uma identidade singular.

Embora compartilhem elementos comuns com outras tradições juninas como o casamento caipira, os comandos do marcador e a valorização das festas de Santo Antônio, São João e São Pedro, desenvolveram uma linguagem artística própria, moldada pela história das comunidades fluminenses, pelos concursos locais e pelo diálogo constante com diferentes manifestações culturais.

Essa identidade começou a ser formada ainda na metade do século XX, quando clubes recreativos, associações de moradores e paróquias passaram a organizar festivais e competições.

Diferentemente de outras regiões, onde as festas estavam fortemente ligadas aos grandes arraiais populares, no Rio de Janeiro os clubes tiveram papel decisivo na consolidação das quadrilhas.



EDIÇÃO JUNHO E JULHO 2026

Muitos regulamentos exigiam que os grupos estivessem vinculados a uma entidade recreativa para disputar os concursos, fortalecendo a organização e estimulando a criação de equipes permanentes.

Esses espaços funcionavam como verdadeiras escolas de cultura popular. Era ali que crianças aprendiam os primeiros passos da quadrilha, jovens descobriam o prazer da dança e adultos compartilhavam conhecimentos sobre música, figurino, cenografia e organização comunitária.

Mais do que preparar apresentações, os clubes ajudavam a formar lideranças culturais e fortaleciam os vínculos entre moradores de um mesmo bairro.

Entre os municípios que mais contribuíram para esse crescimento está Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense. A cidade tornou-se um dos principais polos do movimento junino do estado, reunindo dezenas de grupos e formando gerações de artistas que ajudaram a renovar a linguagem das quadrilhas.



Foi nesse ambiente que muitos brincantes iniciaram suas trajetórias, transformando ruas, praças e quadras esportivas em espaços de criação cultural. Diversas quadrilhas que conquistaram títulos estaduais e nacionais nasceram ou foram fortalecidas na região, consolidando a baixada fluminense como uma referência para o movimento junino fluminense.

Em muitas quadrilhas, o marcador também participa da construção do enredo, ajudando a transformar uma sequência de passos em uma narrativa capaz de emocionar espectadores e jurados.

Ao longo das últimas décadas, o movimento junino fluminense também passou a dialogar intensamente com outras regiões do Brasil.

A partir dos anos 2000, encontros nacionais, festivais e intercâmbios permitiram uma troca de experiências entre grupos do Rio de Janeiro, Pernambuco, Pará, Amazonas e diversos outros estados. Novas técnicas de coreografia, cenografia e figurino passaram a circular pelo país, enriquecendo as apresentações.

Essa troca, no entanto, nunca significou a perda da identidade fluminense. Pelo contrário, cada influência foi reinterpretada de acordo com a realidade local.

O Rio incorporou novas linguagens, mas preservou sua forma de organizar os grupos, seu modelo de competições e sua maneira própria de construir espetáculos.

O resultado foi uma manifestação cultural que dialoga com o Brasil sem deixar de refletir a história e a criatividade de suas comunidades.

Outro aspecto que diferencia as quadrilhas do Rio é sua forte ligação com os territórios onde nasceram.

Em muitos bairros, os grupos representam muito mais do que uma equipe de dança. Eles se tornam pontos de encontro, espaços de formação artística e centros de convivência comunitária.

Pais, filhos, avós, vizinhos e amigos participam da preparação das apresentações, confeccionam figurinos, constroem cenários e organizam eventos para arrecadar recursos. Essa dimensão coletiva transforma a quadrilha em um patrimônio afetivo compartilhado por toda a comunidade.

É justamente essa relação entre tradição, criatividade e pertencimento que faz das quadrilhas fluminenses uma expressão cultural única.

Elas não são cópias de modelos vindos de outras regiões, nem reproduções de um padrão nacional. São fruto da história do próprio estado do Rio de Janeiro, construída por milhares de brincantes que, geração após geração, reinventaram a festa junina sem romper com suas raízes.

Reconhecer essa identidade é compreender que a cultura popular brasileira não é uniforme. Ela é formada por diferentes sotaques, modos de fazer, memórias e experiências que se complementam.

Assim como o samba possui variações entre estados e municípios, as quadrilhas também refletem a diversidade cultural do país. E, nesse grande mosaico de tradições, o Rio de Janeiro ocupa um lugar de destaque, com um movimento que soube transformar sua história local em uma das mais ricas expressões da cultura junina brasileira.

Mais do que preservar uma dança, as quadrilhas fluminenses preservam a memória de seus bairros, fortalecem laços comunitários, formam artistas e mantêm viva uma tradição que continua se reinventando sem perder aquilo que lhe é mais precioso: sua identidade.



Croqui e peça sendo confeccionada para arraiá da Quadrilha Junina Fervo Show





DIVERSIDADE Na Dança

As quadrilhas juninas sempre foram espaços de encontro. Muito antes de se transformarem em grandes espetáculos competitivos, elas reuniam famílias, vizinhos e amigos para celebrar a cultura popular. Com o passar dos anos, esses espaços também passaram a acolher pessoas que, muitas vezes, encontravam dificuldade para ocupar outros ambientes da sociedade. Foi assim que as quadrilhas se consolidaram como um dos movimentos culturais mais diversos do Brasil.

Hoje, a categoria Rainha da Diversidade simboliza essa transformação. Muito mais do que um concurso, ela representa o reconhecimento de artistas que unem técnica, interpretação, elegância e profundo conhecimento da cultura junina para construir apresentações que emocionam o público e reafirmam o valor da diversidade dentro da cultura popular.

Entre esses nomes está **Phelix Aguiar**, artista da Quadrilha Junina São Judas Show, que há mais de uma década dedica sua vida ao movimento junino.

Seu primeiro contato com as quadrilhas aconteceu ainda na infância, quando sua mãe o levou para assistir a um arraial do bairro. O encanto foi imediato. Desde então, todos os anos aguardava ansiosamente a chegada das festas de junho para assistir às apresentações. Anos depois, aquele menino que observava a arena do lado de fora passaria a ocupar o centro dela como brincante e artista.

Phelix dança quadrilha há 14 anos e construiu sua trajetória acreditando que a cultura junina pertence a todas as pessoas. Durante a entrevista concedida para esta reportagem, ele resumiu esse sentimento ao afirmar que sempre sonhou em mostrar que "a quadrilha é diversidade" e que essa manifestação cultural deve ser um espaço aberto para todos, independentemente de sua identidade.

Foi em 2019 que surgiu a oportunidade de disputar seu primeiro concurso como Rainha da Diversidade. A estreia não trouxe o resultado esperado. Terminou a competição na quinta colocação e chegou a pensar em desistir do sonho. Mas, como acontece com muitos artistas da cultura popular, a persistência falou mais alto do que a frustração.

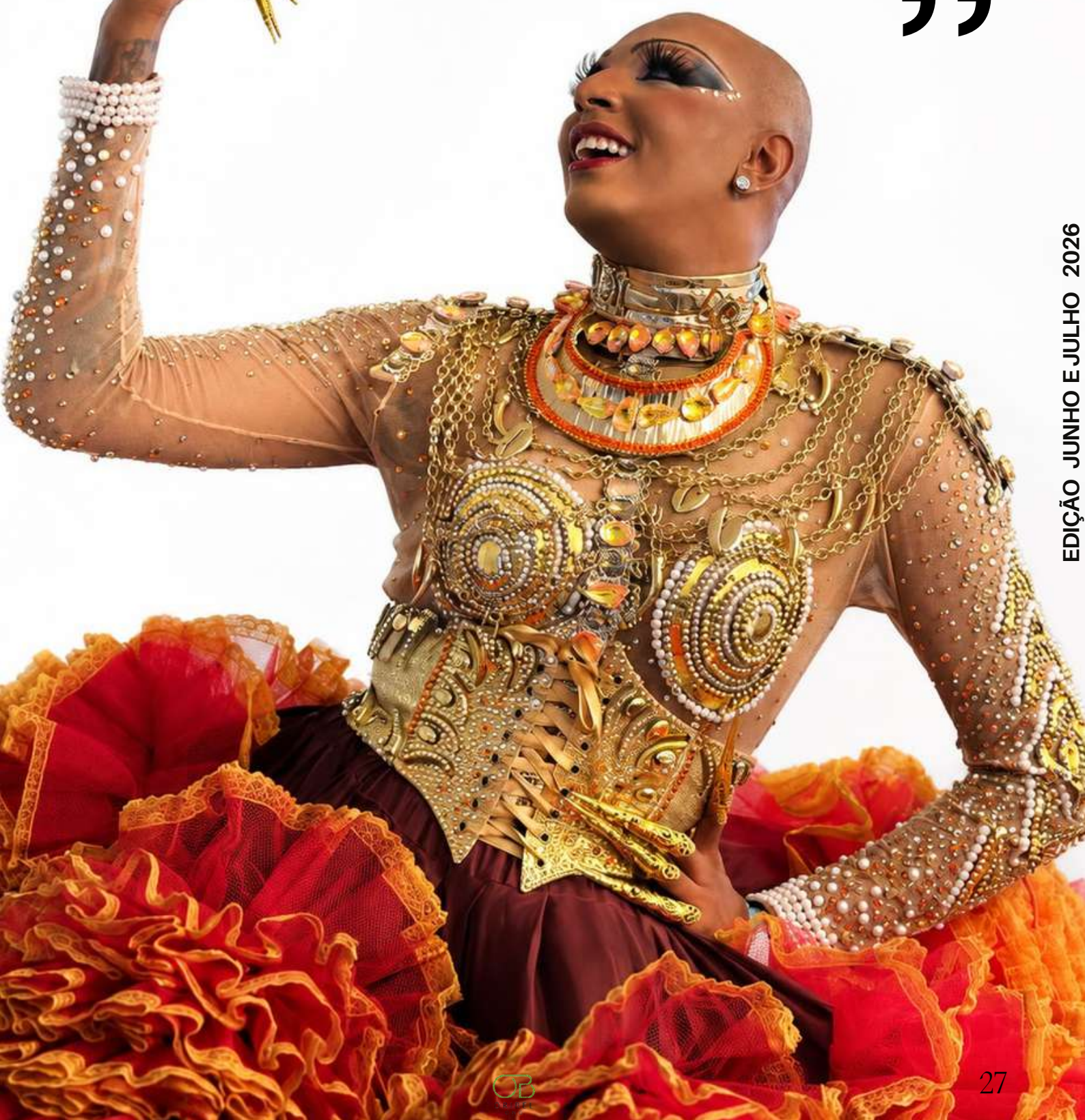
A grande virada aconteceu em 2024. Nesse momento nasceu, diante do público, Haylla Ravach, personagem artística criada por Phelix para expressar toda a potência de sua arte. O que inicialmente parecia apenas uma participação em concurso transformou-se em um reconhecimento crescente dentro do movimento junino.

Como ele próprio relata, as pessoas deixaram de enxergar apenas Phelix e passaram a acompanhar também a trajetória de Haylla Ravach, uma drag queen que encontrou nas quadrilhas um espaço legítimo para criar, interpretar e representar sua comunidade.

EDIÇÃO JUNHO E JULHO 2026



“ Em pouco tempo vieram as conquistas. Após conquistar o vice-campeonato em 2024, Phelix retornou ainda mais preparado. Em 2025 conquistou o título estadual de Rainha da Diversidade, representando o Rio de Janeiro em uma competição nacional, onde alcançou o terceiro lugar entre representantes de todo o país. Em 2026, tornou-se bicampeão estadual da categoria e voltou a conquistar o direito de representar o estado no Concurso Nacional. ”



Mais do que disputar um título, Haylla Ravach tornou-se um símbolo de representatividade. Sua presença na arena demonstra que tradição e diversidade caminham juntas.

Ao vestir um figurino cuidadosamente elaborado, interpretar um enredo e defender a cultura junina diante dos jurados, ela reafirma que as quadrilhas são espaços de arte, criatividade e respeito.

Entretanto, por trás do brilho dos concursos existe uma realidade pouco conhecida pelo público. Assim como acontece com milhares de brincantes em todo o Brasil, Phelix enfrenta as dificuldades provocadas pela escassez de investimentos na cultura popular. Todo o processo de preparação para os concursos figurinos, cenários, maquiagem, deslocamentos e demais despesas é custeado com recursos próprios.

Ele não recebe ajuda de custo para representar sua quadrilha e precisa contar com o apoio do companheiro, realizar trabalhos temporários e administrar cada gasto para manter vivo o sonho de competir.

Mesmo diante dessas dificuldades, sua motivação permanece a mesma: fazer da arte um instrumento de transformação. Durante a entrevista, Phelix revelou o desejo de expandir Haylla Ravach para além do universo junino, levando sua personagem também para o carnaval e para outros espaços culturais, mostrando que uma drag queen pode ocupar com talento, profissionalismo e respeito qualquer palco da cultura brasileira.



EDIÇÃO JUNHO E JULHO 2026

A história de Phelix Aguiar e Haylla Ravach revela uma dimensão muitas vezes invisível das quadrilhas juninas.

Elas não são apenas espaços de competição. São lugares onde pessoas descobrem vocações, constroem autoestima, encontram pertencimento e transformam suas histórias por meio da arte.

Ao representar o Rio de Janeiro no cenário nacional, Haylla Ravach leva consigo muito mais do que um figurino impecável ou uma apresentação cuidadosamente ensaiada. Leva a força de um movimento que continua demonstrando que a cultura popular brasileira é construída pela diversidade de seus artistas, pela dedicação de seus brincantes e pela coragem daqueles que, mesmo diante da falta de apoio, seguem fazendo da tradição um caminho de inclusão, respeito e esperança.



EDIÇÃO JUNHO E JULHO 2026



Daniel Zarmano

QUANDO O FIGURINO TAMBÉM CONTA UMA HISTÓRIA

Um grande espetáculo começa muito antes da entrada na arena. Antes da música, da coreografia e dos aplausos, existe um processo criativo capaz de transformar ideias em arte. Nas quadrilhas juninas, o figurino é parte essencial dessa narrativa, traduzindo em cores, formas e detalhes a história que será contada ao público.

Desde o início de sua trajetória como Rainha da Diversidade, Phelix Aguiar sempre sonhou em vestir figurinos que fossem além da beleza estética. Seu desejo era que cada criação tivesse uma leitura clara, permitindo que o público compreendesse, à primeira vista, a essência do personagem e da mensagem apresentada em cena.

Esse sonho começou a ganhar forma em 2024, quando iniciou sua parceria com o estilista Daniel Zarmano, profissional reconhecido pela criatividade, riqueza de detalhes e sensibilidade artística.

A sintonia entre artista e figurinista foi imediata. Juntos, desenvolveram um figurino que chamou a atenção pela excelência da execução, pelo acabamento impecável e pela identidade visual marcante, conquistando elogios do público e da crítica especializada.



Em 2026, a parceria se fortaleceu ainda mais. Em tempo recorde, Daniel Zarmano assinou dois figurinos exclusivos para a atual Rainha da Diversidade do Estado do Rio de Janeiro. A primeira criação mergulha na imponência da savana africana, exaltando ancestralidade, força e conexão com a natureza.

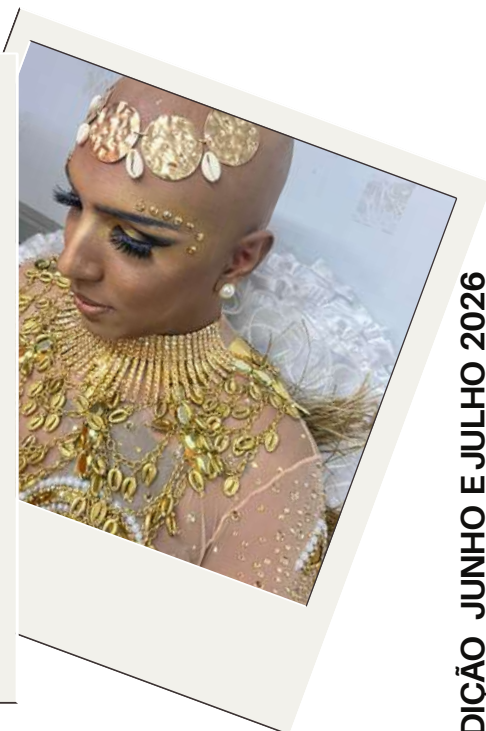
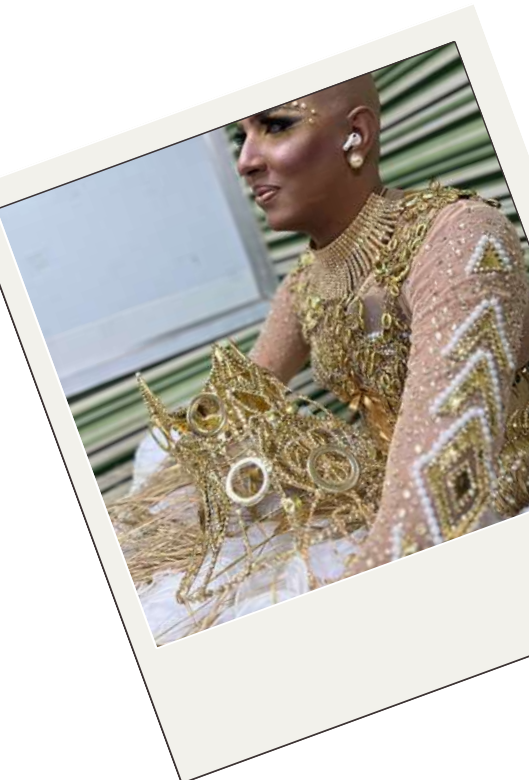
Já o segundo figurino, escolhido como traje oficial da temporada, presta homenagem ao universo armorial de Ariano Suassuna, reunindo referências da cultura popular nordestina, da literatura e das artes visuais em uma composição sofisticada e carregada de simbolismo.

EDIÇÃO JUNHO E JULHO 2026



Para Phelix, trabalhar novamente com Daniel Zarmano representa muito mais do que vestir uma bela roupa. É compartilhar um processo criativo baseado na confiança, na pesquisa e no respeito à cultura popular. Cada bordado, cada aplicação e cada escolha de tecido tornam-se parte da narrativa apresentada na arena, reforçando a emoção da performance e aproximando o público da história contada.

Mais do que confeccionar figurinos, Daniel Zarmano transforma tecidos em linguagem artística. Seu trabalho demonstra que, nas quadrilhas juninas, o figurino não é apenas um elemento visual: ele é parte da identidade do artista, da construção do espetáculo e da preservação de uma tradição que continua se reinventando por meio da criatividade e da arte.



QUANDO A CULTURA RESISTE

O ESTADO PRECISA ESTAR PRESENTE

Todos os anos, milhares de pessoas dedicam meses de trabalho para manter viva uma das maiores expressões da cultura popular brasileira. Enquanto o público acompanha o brilho das apresentações durante os festejos juninos, poucos conhecem a realidade enfrentada por quem faz esse movimento acontecer diariamente. Por trás dos figurinos, da música e das coreografias existe uma luta silenciosa por reconhecimento, financiamento e sobrevivência.

As quadrilhas juninas deixaram há muito tempo de ser apenas um entretenimento sazonal. Elas se consolidaram como importantes agentes de transformação social, especialmente nas periferias brasileiras, onde muitas vezes representam a única oportunidade de acesso contínuo à cultura, à formação artística e ao fortalecimento da identidade comunitária.

Esse reconhecimento ganhou força no dia 24 de junho de 2024, quando foi sancionada a Lei Federal nº 14.900/2024, que alterou a Lei nº 14.555/2023 para reconhecer oficialmente a dança da quadrilha junina como manifestação da cultura nacional.

A legislação representa uma conquista histórica para o movimento junino brasileiro ao afirmar que as quadrilhas são parte integrante do patrimônio cultural do país, merecendo proteção, valorização e incentivo por parte do poder público.

Em diversos estados e municípios brasileiros, leis locais também passaram a reconhecer festivais e grupos juninos como patrimônio cultural imaterial, reforçando que essa manifestação não pertence apenas ao calendário de festas de junho, mas à própria identidade cultural do povo brasileiro.

EDIÇÃO JUNHO E JULHO 2026

Entretanto, o reconhecimento legal ainda não se traduz, na prática, em políticas públicas capazes de garantir a continuidade desse patrimônio.

O cenário vivido por centenas de quadrilhas revela uma realidade preocupante. Em muitos estados, existe apenas um edital específico destinado ao movimento junino durante todo o ano. Ainda assim, frequentemente esses recursos são disputados por instituições cuja atuação principal pertence a outros segmentos culturais.

Nos editais ONGS, escolas de samba, empresas, associações de moradores e outros proponentes acabam concorrendo diretamente com quadrilhas que trabalham durante os doze meses do ano exclusivamente para manter viva essa tradição.

O problema não está na importância dessas instituições. Todas desenvolvem trabalhos relevantes e merecem incentivo. A questão está na finalidade da política pública. Quando um edital é criado para fortalecer as quadrilhas juninas, espera-se que ele cumpra esse objetivo, priorizando quem preserva essa manifestação cultural diariamente.



Membros da Quadrilha Junina Fervo Show

Enquanto isso, quando as quadrilhas buscam apoio em outros editais culturais mais amplos, encontram outro obstáculo. Muitas vezes suas propostas não são compreendidas pelos avaliadores, que enxergam apenas uma apresentação artística de poucos minutos e deixam de perceber a complexa rede de impacto social construída ao longo de todo o ano.

Essa falta de compreensão sobre o movimento junino revela um distanciamento preocupante entre as políticas culturais e a realidade das comunidades. Ainda existe uma visão limitada que associa as quadrilhas apenas às festas de junho, ignorando seu papel como instrumentos permanentes de inclusão social, formação cidadã e desenvolvimento cultural.

Ser quadrilheiro é muito mais do que dançar. É participar de um projeto social contínuo.



Ensaio da Quadrilha Junina Fervo Show

Nas periferias, esse trabalho assume uma dimensão ainda maior.

Em bairros marcados pela desigualdade social, pela ausência de equipamentos culturais e pela escassez de oportunidades, a quadrilha torna-se um lugar de pertencimento.

É ali que muitos jovens descobrem talentos, constroem amizades, desenvolvem disciplina, autoestima e encontram alternativas positivas para ocupar seu tempo livre.

Cada ensaio realizado representa também um espaço de proteção social.

Cada oficina desenvolvida fortalece a cultura local.

Cada apresentação reafirma que a periferia produz arte, conhecimento e patrimônio.

As quadrilhas também movimentam a economia criativa. Costureiras, bordadeiras, artesãos, cenógrafos, músicos, maquiadores, sapateiros, fotógrafos, videomakers, produtores culturais e pequenos comerciantes encontram nesse movimento uma importante fonte de geração de trabalho e renda.

Um único grupo pode mobilizar dezenas de profissionais e beneficiar centenas de famílias durante uma temporada.

Há ainda uma dimensão ambiental pouco discutida. Diversas quadrilhas incorporam práticas sustentáveis em seus processos criativos, reutilizando materiais, reaproveitando figurinos, promovendo oficinas de reciclagem e estimulando a produção artesanal com baixo impacto ambiental.

Ao transformar resíduos em elementos cenográficos e decorativos, demonstram que tradição e sustentabilidade podem caminhar juntas.

Mesmo diante de toda essa relevância cultural, social, econômica e ambiental, muitas quadrilhas encerram suas atividades todos os anos por falta de recursos. Algumas desaparecem silenciosamente após décadas de existência.

Outras sobrevivem graças ao esforço voluntário de seus integrantes, que realizam rifas, feijoadas, campanhas solidárias e contribuições pessoais para manter viva uma tradição que deveria ser protegida pelo Estado.

Cada quadrilha que fecha suas portas representa muito mais do que o fim de um grupo artístico.

Desaparece um espaço de convivência.

Perde-se uma escola de cultura popular.

Enfraquece-se a memória de um bairro.

Rompem-se laços comunitários construídos ao longo de gerações.

A sanção da Lei Federal nº 14.900/2024 foi um passo importante, mas o reconhecimento jurídico precisa ser acompanhado por ações concretas. É necessário ampliar editais específicos, garantir bancas avaliadoras que conheçam profundamente o movimento junino, democratizar o acesso aos recursos públicos e construir políticas permanentes de salvaguarda dessa manifestação cultural.

Valorizar as quadrilhas juninas não significa apenas investir em festas.

Significa investir em educação, inclusão, cidadania, economia criativa, sustentabilidade, patrimônio cultural e desenvolvimento humano.



Valorizar as quadrilhas juninas não significa apenas investir em festas.

Significa investir em educação, inclusão, cidadania, economia criativa, sustentabilidade, patrimônio cultural e desenvolvimento humano.

Quando uma quadrilha entra na arena, ela não leva apenas um figurino bonito ou uma coreografia bem ensaiada. Ela leva a história de uma comunidade inteira. Leva o trabalho de famílias que passaram meses costurando sonhos. Leva a esperança de jovens que encontraram na cultura um caminho de pertencimento. Leva a voz das periferias que insistem em existir por meio da arte.

As quadrilhas não dançam apenas por tradição.

Elas dançam porque resistem.

E toda manifestação que resiste para preservar a memória de um povo merece mais do que aplausos. Merece respeito, reconhecimento e políticas públicas capazes de garantir que essa dança nunca deixe de existir.

Encerro esta edição acreditando, ainda mais, que a cultura é o lugar onde os sonhos encontram abrigo. Foi uma honra compartilhar estas histórias com você. Que cada página lida desperte um novo olhar para aqueles que, todos os dias, fazem da arte um ato de resistência, da tradição um legado e da cultura um caminho para transformar vidas. Nos encontramos na próxima edição. Até breve.

Com Carinho;

Suellen Cicotti





A Associação Oribel é uma Organização da Sociedade Civil (OSC) que atua em âmbito nacional, criada em 2023 com o objetivo de fortalecer e viabilizar iniciativas e organizações sociais, culturais e ambientais que não possuem formalização jurídica, porém contam com ideias e projetos inovadores e que fazem a diferença na vida das pessoas e nas comunidades em que atuam.

Buscamos Promover a ética, a paz, a cidadania, os direitos humanos e democracia. Acreditamos que, por meio de nossas ações, podemos fazer a diferença na vida de muitas pessoas e contribuir para uma sociedade mais justa e igualitária.

Visamos viabilizar projetos que prestam assistência integral à criança e ao adolescente, ao idoso, às pessoas com deficiência, às mulheres, às pessoas negras e à população LGBTQIA+, sem distinção alguma de raça, cor, condição social, credo político ou religioso, visando a integração familiar e social dos assistidos.

Atuar na defesa e promoção da livre orientação sexual e da livre identidade de expressão e gênero das pessoas LGBTQIA+, colaborando com organizações do setor privado, público e do terceiro setor na criação de projetos alinhados às políticas públicas de incentivo a manifestações culturais.

Promovemos a inserção no mercado de trabalho, medidas de atendimentos humanizados, medidas de segurança pública e medidas de saúde pública desta população.

Trabalhamos formando parcerias e alianças com estas organizações, possibilitando a estruturação de seus projetos e ideias com o intuito de viabilizar a captação de recursos financeiros através de programas governamentais e leis de incentivo, bem como conectando pessoas físicas e jurídicas a estas iniciativas através de doações.

Além disso, atuamos provendo apoio, treinamento e orientação administrativa, técnica, legal e contábil aos idealizadores destas organizações, para que tenham uma gestão eficiente dos recursos captados e uma comunicação segura com seu público.

Junte-se a nós nesta missão. Juntos, podemos fazer a diferença.

 <https://oribel.org.br>

 (21) 9 7286-0452

 ASSOCIAÇÃO ORIBEL

 CONTATO@ORIBEL.ORG.BR

 @ORIBEL.ONG

 @ORIBEL.ONG
@ORIBEL.ONG.RIO

Ajude
NOSSOS PROJETOS
CHAVE PIX

Associação Oribel

